

Os Santos:
Exemplo para o cumprimento do nosso Programa

(Pe. José Kentenich, 1º de novembro de 1912 - texto integral)

Alguns padres estavam sentados conversando. A conversa passava de um assunto para outro, incluindo o tema dos retiros. “*Sim*”, disse um dos mais velhos que falava com experiência: “*Sim, há qualquer coisa muito curiosa sobre os retiros: depois de vir deles preciso sempre de quatro ou cinco semanas para voltar ao ritmo anterior!*”

Bem, penso que não será preciso muito para voltar ao nosso ritmo anterior. Pelo contrário, temos de investir todos os nossos esforços para não resvalarmos mais para a vida que tínhamos antes. De outro modo, estaríamos ignorando o meio mais simples e elementar de conquistar e dominar o nosso próprio mundo interior. Temos, porém, de manter este mundo interior no centro da nossa atenção. As nossas forças espirituais não podem ser exclusivamente gastas na aprendizagem de uma quantidade enorme de conhecimento; temos de colocá-las cada vez mais a serviço da descoberta e do domínio dos nossos instintos primários. Não devemos andar mais tarde pela vida como pessoas que têm todas as fórmulas e técnicas necessárias para dominar e subjugar as forças da natureza, mas que ficam completamente impotentes e intelectualmente anuladas perante as forças elementares dentro dos seus próprios corações.

Isso se tornou claro para nós no domingo passado, que teve como consequência a firme resolução: Sob a proteção de Maria, queremos nos autoeducar para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais.

Mas, não será este objetivo exigente demais?

Diógenes passeou pelo mercado com uma lanterna no meio do dia – para procurar homens, homens verdadeiros. Heródotos declarou: “*Há muitas pessoas, mas poucos homens*”.

Essa foi a terrível descoberta do povo de Numância no seu tempo. No início massacraram os Romanos com derrota após derrota, mas depois Scipio obteve uma vitória na África e tornou-se o seu líder. A partir daí passou a ser outra história. Mais tarde os chefes numantinos perguntaram aos seus soldados: “*Como é possível que estejamos fugindo de um inimigo que dominamos durante tanto tempo?*” Ao que um deles respondeu entre dentes: “*As ovelhas são as mesmas, mas o pastor é diferente*”. O que ele queria dizer era: Nós não temos que recear os homens, o povo, mas devemos inclinar-nos perante o homem completo. Porque um homem pode significar o povo.

Os macedônios mostraram por duas vezes o que um só homem pode fazer. Em poucos anos Alexandre conquistou praticamente o mundo inteiro. Mas quando Aemilius Paulus comandava os romanos, a Macedônia foi derrotada tão depressa que tiveram que vender setenta e duas cidades e respectivas populações num só dia.

São raras as pessoas, os homens feitos de ferro. Uma pessoa com uma personalidade firme e livre é ainda mais rara. Não seria hora de tirarmos a lanterna da mão de Diógenes e irmos nós próprios à procura, para alcançarmos o objetivo pelo qual lutamos?

Não, não temos de fazer isso. Temos a Igreja, esta educadora que Deus deu à humanidade e que sabe o valor educacional que um bom exemplo tem. As palavras ensinam, mas o exemplo atrai e por isso a Igreja vem ao encontro do nosso desejo, o máximo que lhe é possível. Hoje, na Festa de Todos os Santos, ela nos mostra um conjunto de personalidades: eles são os santos. Os santos são a fina-flor da humanidade: personalidades completas, firmes, livres e apostólicas.

Não temos qualquer problema em admitir isso. – “*Mas, mas esses são os santos! Os seus exemplos não me dizem respeito, porque eu não nasci para ser santo*”.

Essa atitude parte de um grande erro. Quem quer que fale ou pense dessa maneira ainda não adquiriu a clareza necessária sobre o fato de que os santos, na sua autoeducação

1. tiveram de ultrapassar os mesmos obstáculos,
2. tiveram ao seu dispor os mesmos meios que nós.

Vamos então examinar juntos estes dois pontos.

1. Os santos tiveram de ultrapassar os mesmos obstáculos que nós

Meus queridos alunos! Muitas vezes pensamos que os santos já o eram quando nasceram ou que talvez tenham desenvolvido uma personalidade aperfeiçoada com a facilidade de quem joga um jogo ou ainda com milagres ou arrebatamentos.

Na verdade, muitas vezes sabemos muito pouco sobre os santos – principalmente os dos primeiros séculos. Mas por trás do pouco que conhecemos escondem-se mares de tempestades, batalhas ou monstros aterradores.

Os santos não eram humanos e não tinham a mesma natureza humana [que a nossa]? Quem pode duvidar disso? Então, do mesmo modo, não podemos duvidar de que eles carregavam também o pecado original. É isso que a Igreja ensina. E trata-se de um fato óbvio que o pecado original é o maior obstáculo, aliás é o único obstáculo à formação das nossas personalidades.

Vou provar-vos isso numa conferência mais para frente. Mas, se não soubéssemos mais nada sobre os santos, exceto o fato de que eram humanos, saberíamos o suficiente para nos convenceremos de que eles tiveram de ultrapassar as mesmas dificuldades que nós. Mas graças a Deus, sabemos mais que isso, principalmente sobre aqueles santos que foram pesquisados e descritos recentemente. Vamos gastar uns momentos para os trazeremos para mais perto de nós.

Pensem em São Basílio, cujo nome [que deriva da palavra grega que significa rei] se coaduna maravilhosamente com o seu espírito real. Desde a sua juventude até à velhice ele não só sofreu de uma fraqueza física extrema, mas também – e teríamos dificuldade em acreditar não fosse o fato de que ele o admitiu – era esquecido por natureza. Era uma pessoa nervosa, muito fraco e irritava-se com facilidade. Cada preocupação, cada tarefa pesava muito sobre a sua saúde e era raro o dia em que não tivesse uma boa sobrecarga delas.

São Jerônimo, o mais sábio dos Padres da Igreja, de quem os seus amigos diziam que já tinha lido tudo o que havia; o mesmo que se contorcia todo sob a fúria de tentações horríveis que eram o castigo pela sua anterior leviandade. Nem toda a resistência da sua força de vontade e a entrega às suas terríveis mortificações conseguiram acabar com elas.

Será que os santos têm as mesmas fraquezas que nós temos? Não são precisamente as fraquezas deles o que nos condena?

Ah, como vamos ficar sem desculpas para dar quando vier ter conosco um São Gregório Magno, que suportou nos seus ombros as ruínas do mundo antigo e as reconstituiu com as suas mãos para formar um novo edifício, muito embora estivesse quase sempre de cama devido a uma fraqueza extrema! E o que diremos quando ouvirmos que Santo Tomás de Aquino, aquela brilhante mente, não conseguia escrever ou ensinar uma palavra sem sofrer tremendas enxaquecas, ou que São Bernardo, com a sua grande eloquência, tinha de realizar cada ato da sua vida tão ativa simultaneamente com ataques de doloroso sofrimento?

Começamos agora gradualmente a olhar os santos de uma forma totalmente diferente.

No caso de São Paulo, o apóstolo das nações com uma alma de fogo, quase não podemos pensar nada a não ser que conquistou o mundo com tempestade e ligeireza como um Alexandre Magno. No entanto, na realidade vivia com o peso de uma enfermidade constante. Fosse onde fosse, passava a honra aos seus companheiros. A sua figura era de tal forma insignificante, a sua palavra tão simples e fraca que ninguém dava nada por ele. Como deve ter sido difícil para um homem assim, tão tímido e envergonhado e com tanto medo de falar em público que começava a tremer, tornando-se alvo de chacota por parte dos seus inimigos. Até sobre as tentações que Deus permitiu que o visitassem preferiríamos permanecer calados, porque não temos palavras para descrevê-las

Será que esses exemplos são suficientes para tornar os santos mais humanos e próximos de nós? Então, já estamos também convencidos de que eles enfrentaram os mesmos obstáculos que nós na formação da sua personalidade.

2. Os santos tiveram ao seu dispor os mesmos meios que nós

Mas de que meios dispunham eles para ultrapassar esses obstáculos? É o que vamos tratar neste segundo ponto.

São os mesmos que estão à nossa disposição todos os dias. Vou contentar-me em dar-vos alguns fragmentos de pensamentos que vocês poderão depois trabalhar se quiserem. Senão, receio estar testando demasiado a vossa paciência, principalmente quando devem ter muito que estudar...

Portanto, a mesma Igreja continua ao nosso lado para nos ajudar. Os tesouros de graça dos sacramentos...

Também nós temos a oportunidade em cada dia de fortalecer a nossa vontade e ultrapassar as dificuldades, tanto as grandes como as pequenas. Por que é que ainda hesitamos em começar a formação da nossa personalidade? Ainda falta uma coisa. Temos de querer, mas querer mesmo. Lacordaire nos diz que em cada um de nós se esconde um santo e um delinquente. E depende totalmente da nossa vontade tornarmo-nos um ou outro. Basta que o queiramos de forma séria, consciente e perseverante. Os santos elevavam-se a si próprios em cada dia para este nível de força de vontade. São nada menos que a boa vontade da humanidade canonizada.

Sendo assim, nós também temos de querer, para nos tornarmos personalidades firmes, livres e sacerdotais. Temos de aprender a arte de querer com os santos. Quando lemos a biografia de um santo temos de repetir vezes sem conta: Tal como este santo cumpriu a vontade de Deus em situações extraordinárias, também eu quero cumprir os meus deveres normais do dia a dia com total fidelidade.

Temos aqui uma ascética razoável. Não significa que queremos imitar tudo. Quantos ficaram loucos por causa disso, quantos estragaram completamente a sua saúde!

Meus queridos alunos, já nos convencemos com esta breve reflexão, que os santos atingem totalmente aquele objetivo pelo qual lutamos, sabendo que eles

1. tiveram de ultrapassar os mesmos obstáculos,
2. tiveram ao seu dispor os mesmos meios que nós.

A recompensa para a sua eficiente autoeducação era o próprio Deus, o céu com a sua glória e bem-aventurança eternas. Uma alma de herói sabe sempre quão preciosa é uma outra alma heroica. Assim, jovem alma, sê uma alma de herói! Contempla os teus exemplos de heróis! Segue corajosamente os seus passos!

Mas, se isso for difícil demais, então temos de olhar para as pobres almas do purgatório. São aqueles que negligenciaram a sua autoeducação em alguns pequenos pontos e por essa razão têm

de arder. Alguns dos nossos amigos, os nossos companheiros, que até há pouco tempo atrás partilhavam conosco a carteira da escola, cuja autoeducação poderemos ter obstruído, chamam-nos: *“Miseremini, Miseremini saltem vos amici mei, quia manus Domini tetigit me”* (“Companheiros, companheiros, sejam misericordiosos, sejam misericordiosos, pelo menos para com os meus amigos, porque a mão do Senhor está sobre mim”). E os pais, irmãos e irmãs que vos deixaram, lançam o mesmo grito de dor. *“Miseremini, miseremini”* (“Companheiros, companheiros”). Sim, queremos ter misericórdia deles e rezar por eles. Mas também queremos ter misericórdia de nós próprios e nunca descuidar da nossa autoeducação – mesmo nos pequenos pontos – e por isso rezamos uns pelos outros, um por todos e todos por um.

Goethe não gostava de pensar na morte. Mas um dia teve uma poderosa intuição sobre a proximidade da sua morte. Foi em agosto de 1831, um ano e meio antes de morrer. Encontrava-se em Ilmenau e a partir daí foi visitar de novo todos os lugares antigos e familiares que lhe traziam muitas memórias de dias já passados. Ao reler os versos da sua famosa canção *“Über allen Wipfeln ist Ruh”* numa pequena casa de madeira onde a tinha escrito muitos anos antes, chegou à última linha: *“Espera só um pouco, em breve também tu descansarás”*. E comoveu-se até o mais profundo da sua alma, começando a repetir suave e melancolicamente: *“Espera só um pouco, em breve também tu descansarás”*, secou as lágrimas que lhe corriam pelo rosto.

Um outro exemplo: O Arquiduque Carl, o famoso vencedor de Aspern, aguardava a morte que tantas vezes vira nos campos de batalha. À volta da sua cama, os seus filhos choravam. Ele disse-lhes, porém, com um sorriso: *“Vejam, mais um soldado que se junta ao grande exército.”* Morreu conforme o que escreveu: A verdadeira grandeza é revelada no leito da morte, onde nada de exterior, mas antes, apenas o sentimento do nosso valor interior consegue manter forte a nossa coragem.

Assim, queremos orientar totalmente a nossa atenção para dentro, queremos aumentar o nosso valor interior. Não é este o único verdadeiro caminho para uma morte feliz, para uma eternidade feliz?

Mas, ao mesmo tempo, queremos dirigir o nosso olhar para o Nosso Salvador. Em um cemitério inglês, os oficiais do Regimento de York escreveram as seguintes linhas na lápide do seu companheiro de 31 anos que tinha morrido: *“Os meus olhos pousam sobre Jesus, que me ama e deu a sua vida por mim!”* Era o que correspondia à personalidade do falecido...

Texto retirado do livro **Heróis de Fogo**,
escrito pelo Padre Jonathan Niehaus, ISCh.
Tradução portuguesa